

# METODOLOGIAS DE INVESTIGAÇÃO SOCIO LÓGICA



PROBLEMAS E SOLUÇÕES  
A PARTIR DE ESTUDOS  
EMPÍRICOS

Coordenação  
Manuel Lisboa

# ÍNDICE

<b>INTRODUÇÃO</b>	7
<i>Manuel Lisboa</i>	
<b>CAPÍTULO I</b>	11
Metodologias de investigação e construção do campo da Sociologia	
<i>Manuel Lisboa</i>	
<b>CAPÍTULO II</b>	43
As metodologias de investigação no estudo das desigualdades sociais: conhecimento científico, políticas públicas e cidadania	
<i>Manuel Lisboa</i>	
<b>CAPÍTULO III</b>	63
Inquéritos sociológicos e construção do campo de observação	
1. AMOSTRAS	67
Construção de amostras estatisticamente representativas	69
<i>Manuel Lisboa</i>	
Amostra por cachos: o caso do inquérito sobre Saúde e Violência Contra as Mulheres, em 2003	76
<i>Manuel Lisboa e Fátima Miguens</i>	
Amostras emparelhadas: o caso do inquérito sobre o Trabalho Infantil em Portugal, a alunos PIEF e do Ensino Regular, em 2007	85
<i>Manuel Lisboa, Fátima Miguens e Joana Malta</i>	
Amostras para observar fenómenos sociais de difícil acesso: o caso do estudo da mutilação genital feminina em Portugal, de 2015.	90
<i>Manuel Lisboa, Rosário Oliveira Martins e Ana Lúcia Teixeira</i>	
2. QUESTIONÁRIOS	95
Questionários para inquéritos sociológicos	97
<i>Manuel Lisboa</i>	
<b>CAPÍTULO IV</b>	117
Trabalho de campo e recolha de dados	

Administração indirecta em inquéritos sociológicos: o caso do inquérito sobre a violência e género aplicado nos Açores, em 2008 <i>Manuel Lisboa e Dalila Cerejo</i>	121
Os dados administrativos e a recolha de informação a partir de processos em papel: o caso da violência contra as mulheres detectada nos Institutos de Medicina Legal de Coimbra e Porto, em 2000 <i>Manuel Lisboa, Zélia Barroso e Joana Marteleira</i>	127
Futuros passados, futuro ausente ou um terraço para outra coisa ainda? Um ensaio sobre usos da memória, teoria e métodos <i>Paula Godinho</i>	131
<b>CAPÍTULO V</b>	163
Tratamento e análise dos dados	
Análise dos dados de inquéritos sociológicos: estatísticas univariada, bivariada e multivariada <i>Ana Lúcia Teixeira</i>	167
O tempo e as sazonalidades na investigação sociológica: construção e análise de séries temporais em estudos sociológicos sobre a criminalidade participada à Polícia Judiciária (1984-1993) <i>Manuel Lisboa, Nelson Lourenço</i>	243
Análise de Conteúdo: um caso de aplicação ao estudo dos valores e representações sociais <i>Ana Roque Dantas</i>	261
Metodologia de detecção de <i>Indicadores de Expressão Emocional no contexto da violência conjugal</i> <i>Dalila Cerejo</i>	287
Custos económicos com a saúde resultantes da violência doméstica contra mulheres, em Portugal <i>Pedro Pita Barros, Manuel Lisboa, Dalila Cerejo e Eliana Barrenho</i>	313
<b>CAPÍTULO VI</b>	347
Desafios futuros na investigação sociológica: a análise sistémica da complexidade.	
Para uma análise intersistémica da violência de género <i>Manuel Lisboa</i>	349
<b>ANEXOS</b> (em suporte digital – CD)	

## **O TEMPO E AS SAZONALIDADES NA INVESTIGAÇÃO SOCIOLÓGICA: CONSTRUÇÃO E ANÁLISE DE SÉRIES TEMPORAIS EM ESTUDOS SOCIOLÓGICOS SOBRE A CRIMINALIDADE PARTICIPADA À POLÍCIA JUDICIÁRIA (1984-1993)<sup>1</sup>**

Manuel Lisboa e Nelson Lourenço

Uma das perspectivas teóricas relevantes no livro *Dez Anos de Crime em Portugal (1984-1993)*<sup>2</sup>, que vai servir de base a este capítulo, assenta na ideia de que, para a compreensão do fenómeno das criminalidades, não bastam as análises sincrónicas, sendo, sempre que possível, necessária uma visão longitudinal da sua evolução ao longo do tempo. De facto, a prevenção e combate dos problemas das criminalidades só pode fazer-se de uma forma sustentada se for possível encontrar os «nós» e as regularidades que permitam uma intervenção mais eficiente. De outro modo, do ponto de vista das políticas públicas, ficar-se-á pela acção meramente reactiva, cujos resultados nem sempre são os melhores. Daí a limitação das análises de muito curta duração, como por exemplo a variação da frequência de um tipo de criminalidade em um ou dois meses. Pelo contrário, a análise de *prospectiva* pode ajudar à detecção de problemas passíveis de intervenção preventiva.

A constituição de séries temporais que permitam analisar os fenómenos sociais ao longo do tempo é absolutamente fundamental para a Sociologia. Há fenómenos que, pela sua natureza, não devem ser estudados sincronicamente, sob pena de tirarem-se conclusões erróneas sobre a sua real importância social. A esse nível, há duas dimensões que podem ser exploradas a partir da constitui-

---

1 O texto deste capítulo corresponde, no essencial, com pequenas modificações, ao que foi publicado em Lourenço, Nelson & Lisboa, Manuel (1998), *Dez Anos de Crime em Portugal – Análise longitudinal da criminalidade participada às polícias (1984-1993)*. Lisboa: CEJ, pp.: 111-135. O livro foi elaborado na sequência de um projecto de investigação sociológica desenvolvido por uma equipa da FCSH/UNL, entre 1992 e 1994, intitulado *Dez anos de crime em Portugal – análise longitudinal da criminalidade participada às polícias (1984-1993)*. Este estudo contou com o apoio do Centro de Estudos Judiciários, do Ministério da Justiça.

2 Lourenço, Nelson & Lisboa, Manuel (1998).

ção de séries temporais. A da evolução ao longo do tempo é uma delas, sendo suposto que haja, pelo menos, um número mínimo de observações para que a análise de tendências seja possível. Esta via é particularmente importante na monitorização de certos fenómenos sociais durante um período longo. Por outro lado, os dados das séries permitem, também, o estudo de fenómenos de repetição, como as sazonalidades, o que também pressupõe um número mínimo de observações nunca inferior a 60. A este nível, um dos exemplos clássicos na Sociologia é o estudo de Durkheim sobre o suicídio.

A primeira grande dificuldade consiste na construção das séries. Para além de os dados estarem muitas das vezes dispersos, ou em estado que não permite uma utilização imediata, pode haver lacunas em algumas observações, o que dificulta a escolha da periodização da observação e obriga a uma análise crítica da fonte em causa, nomeadamente através da comparação com outras fontes.

O exemplo que vamos apresentar em seguida diz respeito ao primeiro estudo sociológico efectuado em Portugal tendo em vista a análise longitudinal da criminalidade participada à Polícia Judiciária, ao longo de dez anos (1984-1993).

Refira-se que, na época, não havia qualquer sistematização dos dados das polícias, pelo que a primeira tarefa consistiu em fazer um levantamento das fontes possíveis e avaliar que tipo de série seria possível constituir. Os únicos dados recolhidos com um horizonte temporal mais amplo diziam respeito aos processos entrados na Polícia Judiciária ao longo de dez anos, que, ao serem desagregados mensalmente, permitiram a construção de uma série com 120 observações.

Na análise dos dados da série, centrámo-nos na exploração da existência de sazonalidades em relação aos crimes participados: no seu conjunto, por tipos e por crime. De modo a ser possível uma compreensão mais abrangente da forma como foi efectuada a análise nos três níveis, optou-se por apresentar, com pequenas actualizações, a descrição de alguns exemplos mais significativos feita em *Dez Anos de Crime em Portugal* (pp. 113-135). Pela sua importância metodológica, e como exemplo pioneiro no tratamento de *dados administrativos* desta natureza, veja-se ainda em anexo (Anexo 5.5) a abordagem sistemática dos passos seguidos na recolha, tratamento e análise crítica dos dados.

A simples análise da configuração de uma série cronológica pode permitir a identificação de algumas mudanças ocorridas em uma variável ao longo do tempo, pois o exame dos valores dá, desde logo, uma primeira imagem de algumas das regularidades. Contudo, o elevado número de pontos de observação dificulta a leitura de todas as componentes da série. Vejamos, em seguida, em que é que estas consistem e de que modo podem contribuir para a análise da criminalidade participada.

Uma série cronológica tem quatro componentes (Coutrot & Droesbeke, 1990): a tendência, a variação sazonal, a componente cíclica e a componente irregular ou residual. A tendência representa a evolução «média», ou o «movimento geral», ao longo da série e obtém-se retirando todas as variações sistemáticas e não sistemáticas que possam afectá-la. Pode ser linear, não linear, crescente, decrescente e constante. A variação sazonal representa o comportamento periódico e sistemático que se reproduz, de um modo mais ou menos permanente, de ano para ano, ou em períodos mais curtos. As variações climáticas são um exemplo (Lourenço & Lisboa, 1998).

A componente cíclica é também periódica, mas com uma duração superior a um ano. Ao contrário da sazonal, depende mais da ocorrência de fenómenos exteriores contingenciais, como, por exemplo, os ciclos económicos, que estão sujeitos a processos de aceleração e desaceleração. Finalmente, a componente residual ou irregular contém tudo o que não ficou a dever-se às componentes anteriores, ou seja, representa os efeitos não sistemáticos, imprevisíveis e de fraca amplitude.

No texto seguinte, far-se-á somente a análise da componente sazonal, já que a da tendência foi realizada em um capítulo específico de *Dez Anos de Crime em Portugal* (1998), e para o estudo da componente cíclica seriam necessários mais anos. Quanto aos resíduos, eles decorrem da exclusão das dimensões incluídas nas componentes anteriormente referidas. Assim, à semelhança do que notaram Coutrot e Droesbeke (1990:10), em este texto centrar-nos-emos nos comportamentos periódicos de duração inferior a um ano. Começaremos pela análise do conjunto de crimes participados, e depois abordaremos a especificidade de alguns tipos de crimes e de crimes específicos. Daremos somente alguns exemplo que ajudem a perceber as dificuldades que se colocam à investigação sociológica, quando se observa sazonalidade e quando tal não ocorre.

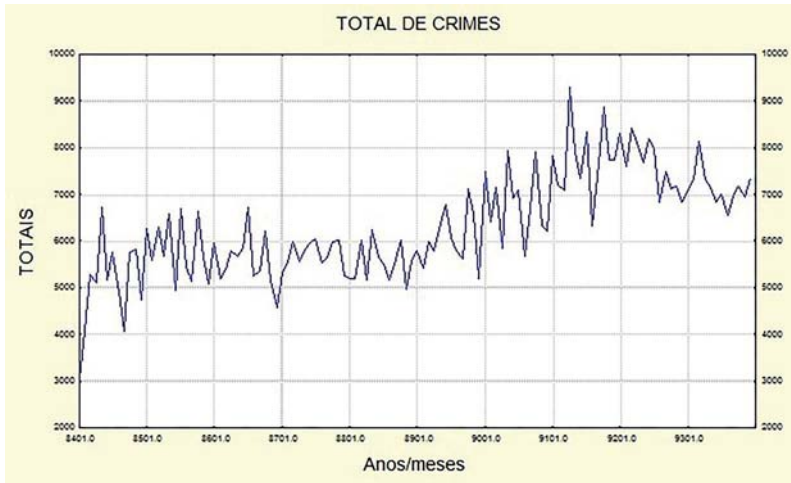
### a. Sazonalidades nos grandes conjuntos de crimes

Como já foi referido anteriormente, há alguns trabalhos na Sociologia que estudam fenómenos que têm uma repetição ao longo do tempo. Um dos primeiros, e mais célebres, é o trabalho de Durkheim sobre o suicídio (1897). Procurando reduzir a importância dos factores orgânico-psíquicos, o autor associa a maior incidência do suicídio em determinados períodos do ano a factores sociais, económicos e políticos. Assim, o «suicídio anómico» seria particularmente sensível ao calendário político e às crises económicas e sociais na França da época. Mesmo no final da sua obra, o autor não deixa de procurar associar a maior incidência do fenómeno em determinados meses do ano a um certo «determinismo social», mais do que a um «determinismo natural». Também no texto deste capítulo, a análise das sazonalidades não deve ser entendida na perspectiva de influências climáticas na criminalidade, mas sim como períodos em que as actividades económicas, políticas e sociais podem estar associadas à maior probabilidade de sinalização desses crimes pela polícia.

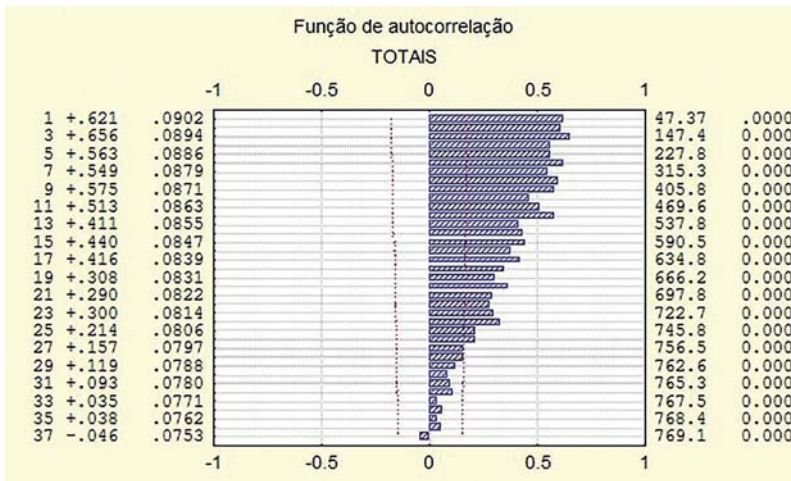
No nosso estudo da criminalidade participada à Polícia Judiciária, e de modo detectar a componente sazonal das participações mensais das séries, recorreu-se à análise dos cálculos da função de autocorrelação dos valores das frequências, das médias móveis, dos *ratios*<sup>3</sup> e dos factores sazonais (para um desfasamento sazonal de doze meses). Começou-se pela análise das projecções das frequências e das autocorrelações (Coutrot & Droesbeke, 1990). Iniciando a análise com o total de participações de todos os crimes, nota-se uma certa irregularidade nos meses em que ocorrem os picos de cada ano<sup>4</sup>. Todavia, uma análise mais fina, através do gráfico de autocorrelação, mostra que não é possível detectar qualquer sazonalidade para a criminalidade participada, quando tomada na sua totalidade. Verifica-se igualmente uma relativa estacionaridade, já que o correlograma tende para zero.

3 As séries analisadas inscrevem-se sobretudo no modelo multiplicativo e menos no aditivo.

4 Entre Janeiro de 1984 e de 1985 (8401 e 8501) o número de divisões corresponde aos doze meses do ano. O mesmo se passa nos anos seguintes.



Fonte: Lourenço, Nelson & Lisboa, Manuel (1998). *Dez Anos de Crime em Portugal – Análise longitudinal da criminalidade participada às polícias (1984-1993)*. Lisboa: CEJ, p.116



Fonte: Lourenço, Nelson & Lisboa, Manuel (1998). *Dez Anos de Crime em Portugal – Análise longitudinal da criminalidade participada às polícias (1984-1993)*. Lisboa: CEJ, p.116



Passemos agora à análise dos crimes *contra as pessoas*, já que os *contra o património*, *contra os valores e interesses da vida em sociedade* e os relativos à *legislação avulsa* não revelam, em cada um dos conjuntos, qualquer sazonalidade<sup>5</sup>.

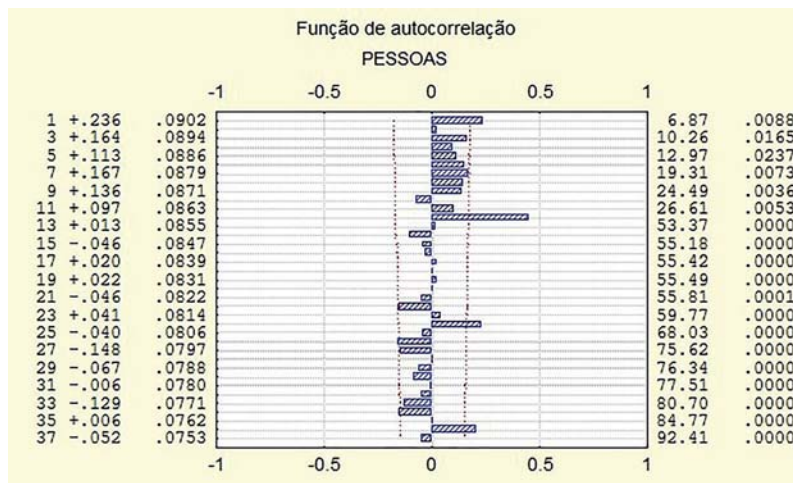
O gráfico seguinte indicia já uma certa repetição nos meses de Agosto e/ou Setembro para os valores mais baixos, sendo difícil detectar a mesma regularidade em relação aos picos mais elevados.



Fonte: Lourenço, Nelson & Lisboa, Manuel (1998). *Dez Anos de Crime em Portugal – Análise longitudinal da criminalidade participada às polícias (1984-1993)*. Lisboa: CEJ, p.117

Igualmente, a distribuição da função de autocorrelação mostra que, apesar dos coeficientes serem inferiores a 0,5, há claramente um fenómeno de sazonalidade com um desfasamento de doze meses (12, 24, 36).

<sup>5</sup> Estas tipologias de crime foram construídas em conjunto o Centro de Estudos Judiciários.



Fonte: Lourenço, Nelson & Lisboa, Manuel (1998). *Dez Anos de Crime em Portugal –Análise longitudinal da criminalidade participada às polícias (1984-1993)*. Lisboa: CEJ, p.118

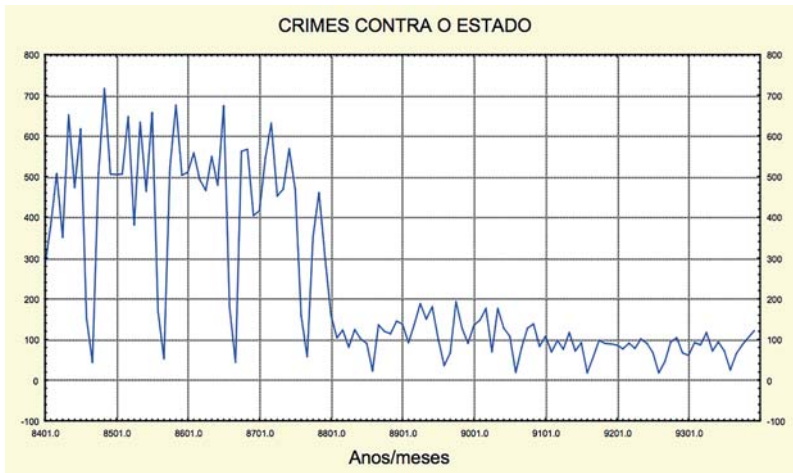
**Crimes contra as pessoas**

Ano.Mês	Frequência	Médias.Móveis	Ratios	Factores Sazonais
84.01	109			98.75
84.02	107			96.58
84.03	201			107.67
84.04	192			103.33
84.05	239			<b>111.23</b>
84.06	247			106.06
84.07	243	192.17	126.45	<b>111.67</b>
84.08	194	203.50	95.33	78.96
84.09	141	209.83	67.20	81.60
84.10	219	212.67	102.98	<b>115.35</b>
84.11	228	213.50	106.79	100.35
84.12	186	214.58	86.68	88.45

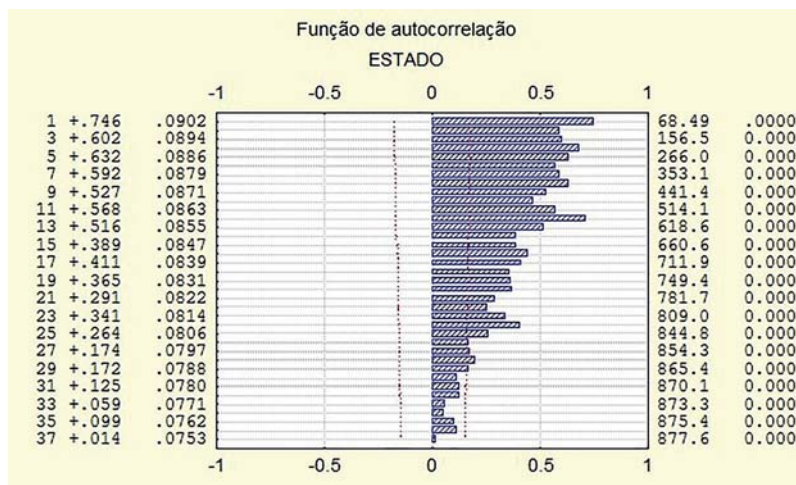
Fonte: Lourenço, Nelson & Lisboa, Manuel (1998). *Dez Anos de Crime em Portugal –Análise longitudinal da criminalidade participada às polícias (1984-1993)*. Lisboa: CEJ, p.118

Calculando, depois, os vários indicadores para detectar os meses em que podem ocorrer tais sazonalidades, e tendo em atenção o intervalo de doze meses já identificado, verifica-se que os valores mais elevados dos factores sazonais encontram-se em Outubro, Julho e Maio, e os mais baixos em Agosto e Setembro.

O gráfico seguinte, em relação aos crimes *contra o Estado*, coloca novas questões, pois apresenta uma evolução muito irregular em relação aos valores mais elevados, e alguma repetição nos valores mínimos, que só pode ser devidamente analisada pelo correlograma e pelo cálculo dos factores sazonais. Enquanto que nos crimes *contra as pessoas*, o recurso a estes cálculos era meramente confirmatório, nestes caso, é ainda exploratório.



Fonte: Lourenço, Nelson & Lisboa, Manuel (1998). *Dez Anos de Crime em Portugal –Análise longitudinal da criminalidade participada às polícias (1984-1993)*. Lisboa: CEJ, p.122



Fonte: Lourenço, Nelson & Lisboa, Manuel (1998). *Dez Anos de Crime em Portugal –Análise longitudinal da criminalidade participada às polícias (1984-1993)*. Lisboa: CEJ, p.122

O gráfico da função de autocorrelação revela que há uma sazonalidade com um intervalo de doze meses (12, 24, 36), ainda que só os dois primeiros picos tenham valores superiores a 0,5. Contudo, pela tabela seguinte, verifica-se que essa sazonalidade só diz respeito aos valores mínimos, que se situam em Agosto e Setembro.

#### Crimes contra o Estado

Anos/meses	Frequências	Médias Móveis	Ratios	Factores Sazonais
8401	280			104.05
8402	379			103.99
8403	507			120.54
8404	351			98.17
8405	651			121.62
8406	473			112.40
8407	617	432.00	142.82	109.51

Anos/meses	Frequências	Médias Móveis	Ratios	Factores Sazonais
8408	153	450.75	33.94	<b>30.09</b>
8409	44	461.33	9.54	<b>42.98</b>
8410	507	473.00	107.19	121.54
8411	716	475.50	150.58	131.37
8412	506	474.00	106.75	103.75

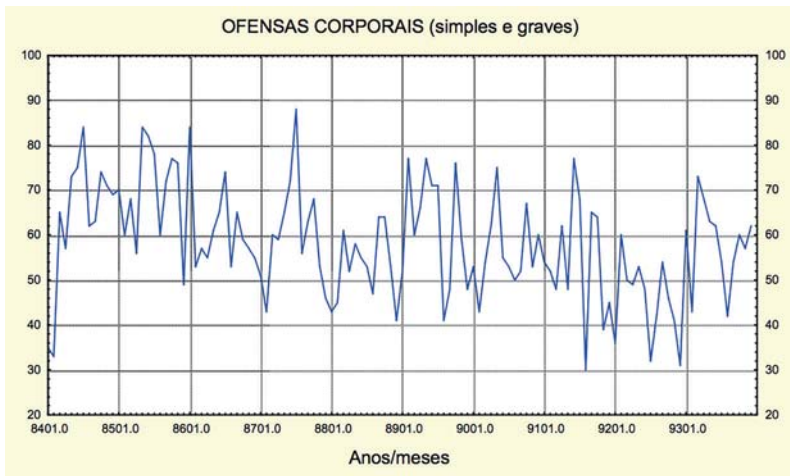
Fonte: Lourenço, Nelson & Lisboa, Manuel (1998). *Dez Anos de Crime em Portugal – Análise longitudinal da criminalidade participada às polícias (1984-1993)*. Lisboa: CEJ, p.123

Refira-se ainda que, nos crimes *contra o Estado*, têm um particular peso os relativos à *desobediência à autoridade pública*. Se pensarmos que a pequena conflitualidade fica pela PSP e pela GNR, e que só os actos de maior gravidade dão entrada na Polícia Judiciária, deverão ler-se os valores mínimos de Agosto e Setembro como podendo estar associados ao período de férias, normalmente mais *calmos* em termos da conflitualidade laboral e social organizadas.

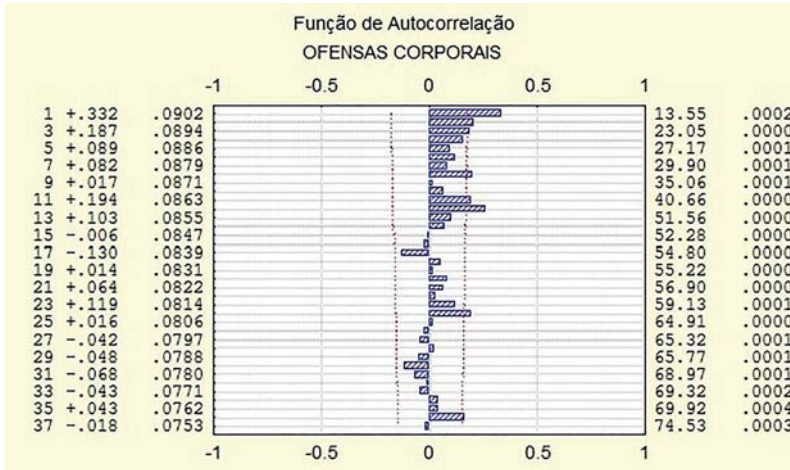
## b. Sazonalidades por crime

Ainda que a análise global dos crimes participados permita já uma visão sobre algumas regularidades, a heterogeneidade dos actos, com características diferentes na moldura penal e nas dimensões económicas e socioculturais, aconselha a que se faça uma análise detalhada crime a crime. Em seguida, serão apresentados três exemplos, escolhidos dentro de cada um dos conjuntos de crimes: *contra as pessoas (ofensas corporais simples e graves)*, *contra a propriedade (furto simples)* e *legislação avulsa (consumo de estupefacientes)*, em uma época em que ainda eram sujeitos a uma severa penalização).

Começando pelas *ofensas corporais*, o gráfico das projecções dos valores absolutos é pouco explícito. Todavia, a leitura do correlograma permite detectar uma sazonalidade com um intervalo de doze meses (12, 24, 36), mesmo que os coeficientes de correlação sejam relativamente baixos.



Fonte: Lourenço, Nelson & Lisboa, Manuel (1998). *Dez Anos de Crime em Portugal –Análise longitudinal da criminalidade participada às polícias (1984-1993)*. Lisboa: CEJ, p.126



Fonte: Lourenço, Nelson & Lisboa, Manuel (1998). *Dez Anos de Crime em Portugal –Análise longitudinal da criminalidade participada às polícias (1984-1993)*. Lisboa: CEJ, p.126

Pela tabela seguinte, verifica-se que os valores máximos se situam nos meses de Maio, Julho e Outubro, e que os mínimos, para além de Agosto, ocorrem também em Dezembro. Porém, os factores

sazonais não são suficientemente significativos, pelo que a interpretação da sazonalidade deve ser relativizada em relação a este crime.

#### Ofensas corporais – simples e graves

Anos/ meses	Frequências	Médias Móveis	Ratios	Factores Sazonais
8401	35			93.64
8402	33			89.17
8403	65			99.45
8404	57			101.74
8405	73			<b>112.78</b>
8406	75			110.69
8407	84	63.42	132.46	<b>111.66</b>
8408	62	66.33	93.47	<b>85.83</b>
8409	63	68.58	91.86	105.15
8410	74	68.83	107.51	<b>112.38</b>
8411	71	68.75	103.27	94.41
8412	69	69.67	99.04	<b>83.10</b>

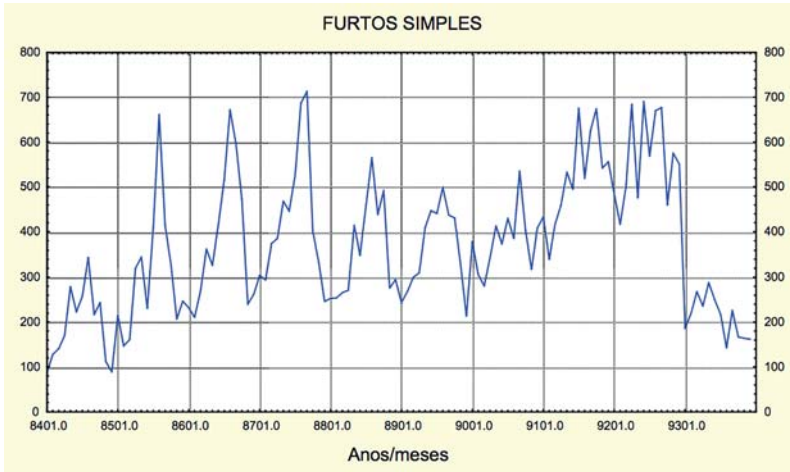
Fonte: Lourenço, Nelson & Lisboa, Manuel (1998). *Dez Anos de Crime em Portugal – Análise longitudinal da criminalidade participada às polícias (1984-1993)*. Lisboa: CEJ, p.127

Um dos agrupamentos de crimes de grande importância, do ponto de vista das políticas públicas, e das dinâmicas económicas e sociais que tem associadas, é o dos crimes *contra o património*, quer pelo seu peso (mais de 50% do total de crimes participados), quer pela variedade de actos que contempla. Quando analisados globalmente, não revelam qualquer sazonalidade. Não obstante, a separação dos *furtos simples*, *furtos qualificados*, *roubos* e *burlas* permitiu detectar algumas excepções.

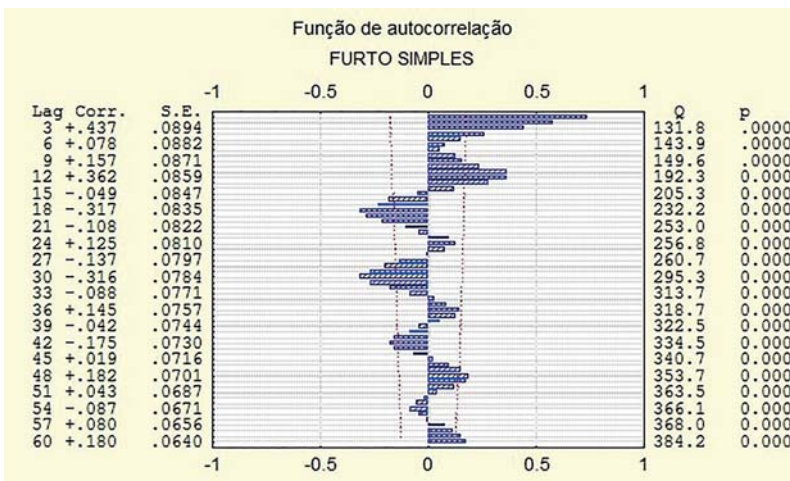
Nos *furtos simples*, a combinação do gráfico das projecções dos valores absolutos das participações com o da função de autocorrelação mostra que este crime tem uma sazonalidade em relação aos valores mais elevados e aos mais baixos. Os valores do



coeficiente de correlação estão abaixo do que seria desejável (0,5), mas, no entanto, o correlograma mostra um comportamento regular com um desfasamento de doze meses.



Fonte: Lourenço, Nelson & Lisboa, Manuel (1998). *Dez Anos de Crime em Portugal – Análise longitudinal da criminalidade participada às polícias (1984-1993)*. Lisboa: CEJ, p.128



Fonte: Lourenço, Nelson & Lisboa, Manuel (1998). *Dez Anos de Crime em Portugal – Análise longitudinal da criminalidade participada às polícias (1984-1993)*. Lisboa: CEJ, p.1128



Para os valores mais elevados, Agosto é o mês em que ocorrem as regularidades, podendo ainda deslocar-se para Julho e Setembro – ou seja, nos meses de Verão. Pelo contrário, nos meses de Inverno (Dezembro, Janeiro e Fevereiro), os furtos simples atingem os valores mais baixos. As actividades económicas e sociais associadas a cada um dos períodos poderão estar relacionados com estas incidências regulares (férias e Verão e Natal e início do ano).

#### Furto simples

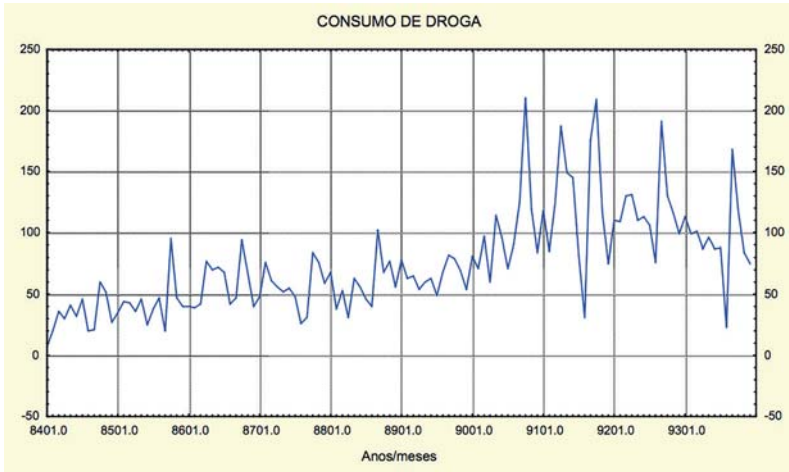
Anos/ meses	Frequências	Médias Móveis	Ratios	Factores Sazonais
8401	87.00			79.10
8402	128.00			68.74
8403	141.00			80.56
8404	170.00			94.15
8405	279.00			107.33
8406	223.00			105.09
8407	258.00	191.00	135.08	<b>123.53</b>
8408	344.00	201.67	170.58	<b>146.19</b>
8409	217.00	203.25	106.77	<b>129.76</b>
8410	244.00	204.92	119.07	111.21
8411	112.00	217.42	51.51	77.65
8412	89.00	222.92	39.93	<b>76.69</b>

Fonte: Lourenço, Nelson & Lisboa, Manuel (1998). *Dez Anos de Crime em Portugal – Análise longitudinal da criminalidade participada às polícias (1984-1993)*. Lisboa: CEJ, p.129

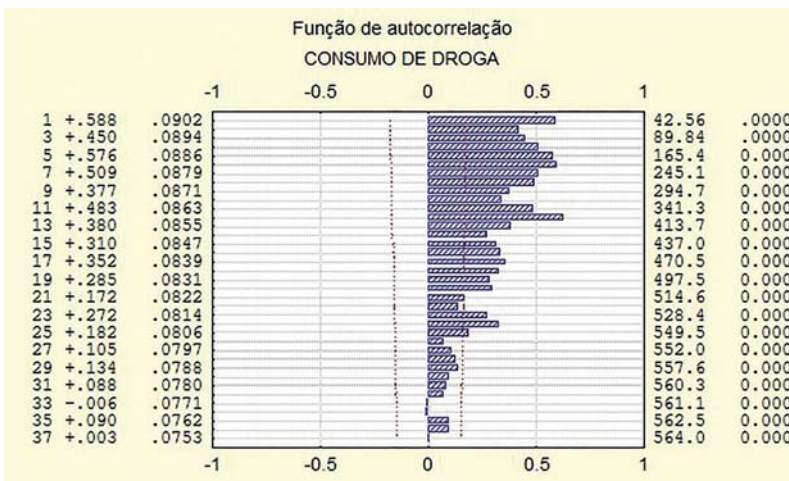
Finalmente, foi analisado o consumo de estupefacientes, que, nos anos observados (1984-1993), ainda sofria de uma penalização ao nível do consumo de drogas leves, que mais tarde veio a ser alterada. Pela sua especificidade, e, à época, abrangência no espaço nacional, este tipo de crime colocava questões particulares para a investigação sociológica, já que o Estado estava mais presente na penalização dos actos.

É de salientar que, de todos crimes analisados, este foi o que revelou a sazonalidade mais marcada. Apesar de ser menos visível na projecção dos valores absolutos, ela é nítida no correlograma,

com um desfasamento de doze meses (12, 24, 36), sendo mesmo as primeiras correlações superiores a 0,5. Nas seguintes, apesar de baixarem as correlações, continua a haver uma regularidade nos picos.



Fonte: Lourenço, Nelson & Lisboa, Manuel (1998). *Dez Anos de Crime em Portugal –Análise longitudinal da criminalidade participada às polícias (1984-1993)*. Lisboa: CEJ, p.131



Fonte: Lourenço, Nelson & Lisboa, Manuel (1998). *Dez Anos de Crime em Portugal –Análise longitudinal da criminalidade participada às polícias (1984-1993)*. Lisboa: CEJ, p.132

## Consumo de droga

Anos/ meses	Frequências	Médias Móveis	Ratios	Factores Sazonais
8401	7.00			99.57
8402	20.00			91.08
8403	36.00			103.50
8404	30.00			97.21
8405	41.00			106.65
8406	32.00			99.38
8407	46.00	32.67	140.82	87.56
8408	20.00	35.00	57.14	71.20
8409	21.00	37.00	56.76	105.22
8410	60.00	37.58	159.65	<b>150.75</b>
8411	52.00	38.08	136.54	<b>110.55</b>
8412	27.00	38.50	70.13	77.33

Fonte: Lourenço, Nelson & Lisboa, Manuel (1998). *Dez Anos de Crime em Portugal – Análise longitudinal da criminalidade participada às polícias (1984-1993)*. Lisboa: CEJ, p.132

A tabela anterior revela que este crime tem em Outubro o factor sazonal mais elevado (150.75), sendo o mais expressivo de todos os crimes analisados anteriormente. Ainda que com um valor mais baixo, Novembro vem imediatamente a seguir (110.55). Quanto ao pico mais baixo, não é possível detectar qualquer mês em que houvesse regularidade. Ou seja, o que estes dados revelam é que o consumo de droga não tem nenhum mês em que haja uma diminuição significativa, que se repita regularmente todos os anos, mas sim que o consumo tende a generalizar-se ao longo do ano – ainda que imediatamente a seguir ao período considerado de férias de Verão se verifique um aumento significativo, nos meses de Outubro e Novembro.

A análise efectuada a partir do estudo das sazonalidades coloca questões importantes para a investigação sociológica do crime, que deverão ser consideradas. Em primeiro lugar, que é necessário abandonar a ideia, e a linguagem que normalmente lhe está associada, que tende a apresentar a criminalidade como uma única realidade social. O que existe não é a criminalidade,

mas sim diferentes tipos de crimes que, mesmo agrupados por razões administrativas e jurídicas, revelam características e comportamentos diferentes quando analisados separadamente, que é necessário esclarecer nas suas dinâmicas económicas, políticas e socioculturais, bem como dos actores sociais envolvidos. De facto, o excessivo agrupamento de actos pode filtrar as particularidades que ajudam a compreender os fenómenos.

Em segundo lugar, e particularmente nos casos em que se verificam sazonalidades em alguns meses do ano, é necessário procurar compreender sociologicamente porque é que tal ocorre – nomeadamente, saber se a prática dos crimes está correlacionada, e se há algum perfil sociocultural dos autores. A este propósito, e mesmo não cabendo dentro deste texto, será aconselhável consultar Lourenço e Lisboa (1998:135-158).

## Bibliografia

- COUSSON, Maurice (1990). *Croissance et Décroissance du Crime*. Paris: PUF.
- COURROT, Bernard & DROESBEKE, Jean-Jacques (1990). *Les Méthodes de Prévision*. Paris: Ed. P.U.F., (2.ª edição), (1.ª edição, 1984).
- DURKHEIM, Émile (1977). *O Suicídio*. Lisboa: Presença (1.ª edição 1897).
- LOURENÇO, Nelson & LISBOA, Manuel (1996). «Violência; Criminalidade e Sentimento de Insegurança», in *Revista Textos*, 2. Lisboa: Centro de Estudos Judiciários, pp. 45-64
- LOURENÇO, Nelson; LISBOA, Manuel & PAIS, Elza (1997). *Violência Contra as Mulheres*. Lisboa: CIDM.
- LOURENÇO, Nelson & LISBOA, Manuel (1998). *Dez Anos de Crime em Portugal – Análise longitudinal da criminalidade participada às polícias (1984-1993)*. Lisboa: CEJ.
- REIS, Elizabeth (1994). *Estatística Descritiva*. Lisboa: Ed. Sílabo.
- ROCHÉ, Sebastian (1994). *Les dimensions de la peur, Le sentiment d'insecurité: les séniors face B la délinquance*. Paris: Editions Taitbout (collection les livres blancs), pp. 19-23.
- ROCHÉ, Sebastien (1996). *La société incivile. Qu'est-ce que l'insecurité*. Paris: Éditions du Seuil.

Esta obra aborda questões metodológicas e epistemológicas cruciais para o desenvolvimento da investigação sociológica actual. Ela traduz um momento de síntese do conhecimento sobre as metodologias no campo da Sociologia e faz uma meta-reflexão a partir dos problemas e soluções encontradas em mais de duas dezenas de investigações empíricas. Inclui estudos com diferentes âmbitos geográficos (nacional, regional e local), centrados na actualidade ou recuando no tempo sempre que necessário, com abordagens metodológicas variadas (qualitativas, quantitativas e mistas) e que recorrem a escalas de observação distintas (macro, meso e micro). Este livro de metodologia não pretende substituir os manuais já existentes, não repetindo as questões aí abordadas. Ele deve ser entendido como um instrumento metodológico complementar, com questões e temáticas que resultam da experiência de pesquisa, na área das Ciências Sociais, de uma ampla e pluridisciplinar equipa de investigação, ao longo dos últimos 25 anos. Ele percorre as principais fases e momentos da pesquisa, esperando-se que constitua um instrumento útil para estudantes, investigadores e investigadoras.



ISBN 978-989-755-223-6



9 789897 552236